

AMAZÔNIA E SUAS INFLUÊNCIAS CULTURAIS

Michele Bahia Lins ¹

RESUMO: Este artigo resgata a partir da pesquisa bibliográfica sobre as principais influências culturais na região amazônica como a mestiçagem do branco com negro e destes com o índio e suas contribuições na formação cultural e na identidade do povo amazônico: linguagem, culinária, danças, modo de trabalho, religião, costumes e diversos elementos culturais frutos da história e da herança de outros povos que contribuíram para a cultura e as identidades amazônicas que reconhecemos hoje.

Palavras-chave: Amazônia; identidades; cultura.

ABSTRACT: This article rescues the main cultural influences in the Amazon region as a miscegenation of white with black and others with Indian and your contributions in training and cultural identity in the Amazonian people, language, cuisine, dances , Work mode, religion , costumes and Miscellaneous cultural fruits of history and heritage elements of Other people contributed to the culture and how Amazon Identities we recognize today.

Keywords: Amazon; identities; culture.

¹ Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM

1. INTRODUÇÃO

O artigo quer contribuir com a difusão das influências culturais que ocorreram na Amazônia, desde os primeiros contatos entre os colonizadores e as populações originárias. Sabe-se que a cultura Brasileira é formada a partir da miscigenação de três raças, que influenciaram culturalmente o país. Mas, para compreender como se deu este processo o primeiro passo é esclarecer o que vem a ser raça. Nesses artigo buscar-se esse esclarecimento e sobre o qual se procede com a imersão, entendo as três raças com costumes, tradições e ações diferentes. O Brasil tornou-se fruto deste processo migratório que se iniciou em 1.500 com a vinda dos portugueses para o Brasil, como visto na literatura consultada, o que torna corrente a afirmação de que o Brasil se constituiu através da fusão de três raças fundamentais: o branco, o negro e o índio.

Além das internalizações culturais oriundas da miscigenação, a construção da identidade cultural também se dá diante da história de cada comunidade, como mostrará o artigo em seu desenvolvimento. A tomada de consciência de um país por ele próprio, não ocorre arbitrariamente, mas é um fenômeno histórico que implica e assinala a ruptura do complexo colonial.

A Amazônia entre os séculos: XVI e XXI recebeu em suas terras muitos viajantes dos mais diversos países, principalmente os situados no continente Europeu, à região despertava e ainda desperta fascínio a esses povos, seus mistérios, a natureza não totalmente desbravada, suas lendas, seus perigos, seu povo hostil e não civilizado, todos esses aspectos criaram na mente de cada desbravador diferentes e exóticas Amazônias e é essa Amazônia lúdica que Neide Gondim destaca em sua obra, contando as histórias e estórias registradas pelos viajantes que ousaram desbravar a Amazônia, muitos deles ao chegarem até aqui se surpreenderam e até se frustraram com a realidade encontrada.

2. FORMAÇÃO CULTURAL NA AMAZÔNIA.

A cultura Brasileira é formada a partir da miscigenação de três raças, que influenciaram culturalmente o país. Mas, para compreender como se deu este processo o primeiro passo é esclarecer o que vem a ser raça:

O primeiro ponto em relação ao qual necessitamos de esclarecimento refere-se ao significado do termo raça. No linguajar comum, quando falamos de uma raça, queremos denotar um grupo de pessoas que têm em comum algumas características corporais e talvez também mentais. (BOAS, 2005, p.68).

Três raças com costumes, tradições e leis diferentes e nosso País tornou-se fruto deste processo migratório que se iniciou em 1.500 com a vinda dos portugueses para o Brasil, como bem nos lembra ORTIZ (1985, p.19), “Torna-se corrente a afirmação de que o Brasil se constituiu através da fusão de três raças fundamentais: o branco, o negro e o índio”. Além das internalizações culturais oriundas da miscigenação, a construção da identidade cultural também se dá diante da história de cada comunidade, como destaca o autor: “(...) A tomada de consciência de um país por ele próprio não ocorre arbitrariamente, mas é um fenômeno histórico que implica e assinala a ruptura do complexo colonial”. (ORTIZ, 1985, p. 55). A Amazônia entre os séculos: XVI e XXI recebeu em suas terras muitos viajantes dos mais diversos países, principalmente os situados no continente Europeu, à região despertava e ainda desperta fascínio a esses povos, seus mistérios, a natureza não totalmente desbravada, suas lendas, seus perigos, seu povo hostil e não civilizado, todos esses aspectos criaram na mente de cada desbravador diferentes e exóticas Amazônias e é essa Amazônia lúdica que Neide Gondim destaca em sua obra, contando as histórias e estórias registradas pelos viajantes que ousaram desbravar a Amazônia, muitos deles ao chegarem até aqui se surpreenderam e até se frustraram com a realidade encontrada.

Segundo Gondim (2007. p. 97) o primeiro registro documental da penetração do homem europeu nos rios da Amazônia data de 1541 e foi escrita por Frei Gaspar de Carvajal que era dominicano e fez parte do grupo de expedicionários de Francisco Orellana, que de acordo com os cronistas viajantes iniciou seu descobrimento do Rio Orellana assegurando que tudo o

que contara dali por diante seria como testemunha de vista e homem a quem Deus quis dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento.

Samuel Benchimol em *Amazônia – Um pouco-antes e além-depois* faz alusão à descoberta da Amazônia e a colonização Luso-espanhola e assinala os principais fatos que marcaram o período histórico, ao que se resume:

Os principais fatos relacionados com a descoberta espanhola da Amazônia vão a seguir assinalados: 1) O tratado de Tordesilhas de 1494, que, ao estabelecer a linha geodésica divisória Ponta de Marajó-Laguna, firmou o princípio da soberania espanhola, a oeste desse meridiano; 2) O descobrimento da foz do Rio Amazonas- “Santa Maria de la Mar Dulce” – por Vicente Yanez Pinzon, em 1500; 3) A primeira descida do Rio Amazonas, de Quito ao Atlântico, via rio Napo, pela expedição de Francisco Orellhana (1539-1542); a segunda expedição, seguindo a mesma rota, comandada por Pedro Ursua e Lopo de Arguirre (1561), as missões religiosas do Jesuíta Samuel Fritz do rio Solimões-Campebas, Tefé e Coari (1686-1704). A conquista e ocupação portuguesa deve-se aos fatos a seguir relacionados: A expedição de Francisco Caldeira Castelo Branco, que, partindo do Maranhão, estabeleceu o Forte do Presépio, em Belém do Pará (1616); 2) a primeira subida do rio Amazonas pela expedição comandada por Pedro Teixeira (1637-1639) (...) 5) A criação dos dois Estados do Brasil e do Maranhão (1621) (...) 9) A criação da Companhia de comércio do Maranhão e Grão-Pará pelo Marquês de Pombal(...). (BENCHIMOL, 2010, p. 661-662).

O processo de colonização segundo Freitas Pinto também influenciou na formação sociocultural do chamado Novo Mundo:

(...) Ou seja, durante todo esse longo e complexo processo de formação dos países e povos do Novo Mundo, a ideia da superioridade branca e europeia sobre a fragilidades dos povos indígenas e dos negros e mestiços tem estado presente em diferentes gradações, realimentando constantemente não apenas nosso senso comum, mas envolvendo também as temáticas de pesquisadores e especialistas, em particular no que vem sendo identificado como o terreno da formação sociocultural da América indígena, negra e mestiça. (PINTO, 2008, p.14).

A fusão de três tradições culturais é observada por Wagley, como pilares da formação cultural do povo brasileiro:

A cultura brasileira contemporânea é formada pela fusão de três tradições culturais. As tradições, a linguagem e as instituições leigas e religiosas trazidas da Europa para o novo mundo pelos portugueses são os padrões culturais que predominam em todo o país. (WAGLEY, 1988, p. 53).

Benchimol reforça a grande influência cultural incorporada pelos povos amazônicos através de nossos colonizadores:

O português e o espanhol, no processo de conquista e ocupação da Amazônia, transplantaram e difundiram os valores e símbolos culturais europeus de que eram portadores. A sociedade amazônica, ao receber o impacto dominante desses valores e sistemas, aculturou-os, por via de submissão, acomodação, assimilação, ou conflito, sobrepondo-os ou integrando-os à sua própria cultura original (BENCHIMOL, 2010, p. 667).

Desde os primórdios a população amazônica é formada basicamente por tribos indígenas, já se observava à difusão da cultura, como nos afirmam os autores:

A forma de transmissão cultural de nossos índios era, vamos assim dizer audiovisual, pois, os membros mais velhos do grupo encarregavam-se de transmitir oralmente as suas crenças e costumes e, ao mesmo tempo, mostravam como caçar, cozinhar, caminhar na floresta, cavar as toras de árvore para construir o barco ou igara, remar, plantar o milho e depois amassá-lo, construir o arco e flecha, conduzir a igara rio adentro, pegar o peixe com o caburé, com o anzol ou com a flecha. Tudo isso era passado de geração para geração, de pai para filho de mãe para filha durante séculos e séculos de convívio harmonioso com a natureza. (SANCHES, 1999, p.55).

A cultura, além disso, não é transmitida de maneira mecânica, como um carregamento de mercadorias que se transfere de um grupo para outro. Uma vez que aceitas por um povo, as inovações tornam-se parte de sua cultura e por ela são modificadas. Os novos elementos adquirem nova forma e significação, diferentes das que possuíam na cultura de origem. A introdução de novos elementos, por sua vez, provoca reajustamento na cultura emprestada.

(...) Conquanto a cultura não seja uma máquina ou um organismo – as duas foram usadas por teóricos – é um sistema interligado. E a introdução de novos elementos requer o reajustamento do sistema. Qualquer programa destinado a introduzir a técnica moderna e a indústria no meio de um povo “atrasado” terá que considerar as extensas modificações sociais e culturais que elas implicam. (WAGLEY, 1988, p. 41-42).

Desde a primeira idade, ouvindo as canções de ninar (cantigas de macuru), ia a alma do índio se impregnando da poesia, da beleza, da substância religiosa do Mito. (PEREIRA, 2000, p. 235).

Nossos antepassados foram nos deixando ao longo de gerações uma herança cultural, que nos remete a padrões sociais estabelecidos na maioria das vezes pelo senso comum, causando um estranhamento a tudo o que difere do padrão social, conforme nos lembra Laraia:

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. (LARAIA, 2001, p. 35).

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.

Graças ao que foi dito acima, podemos entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica. (LARAIA, 2001, p. 36).

Mas independente de raça, todos os grupos sociais sofrem transformações e internalizam hábitos e costumes de outras culturas e do ambiente em que vivem:

O que a tarefa requer é a modificação de uma cultura – de um modo de vida – e o reajustamento das reações de um povo com o ambiente em que o cerca. Qualquer ideia nova só será aceita se, na cultura preexistente, houver uma base que torne útil o elemento. (WAGLEY: 1988, p. 40).

A formação cultural do indivíduo é um reflexo do meio em que ele está inserido e do que é internalizado pelo mesmo, como nos afirma Laraia:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2001, p.24).

A região amazônica possui grande influência da cultura indígena-cabocla, pois através desta influência étnica herdamos hábitos e costumes alimentares, baseados principalmente em produtos derivados da mandioca (farinha d'água, tapioca, goma, tucupi), utilização de grande variedade de peixes, destacando o tambaqui, jaraqui, tucunaré e o pirarucu. Não podemos deixar de registrar as frutas silvestres que só são encontradas aqui em nossa região: tucumã, açaí, pupunha, abil, jenipapo, cupuaçu e outros. Percebemos facilmente também a presença desta influência nas peças de artesanato encontradas no norte do país, onde a matéria prima utilizada é basicamente: sementes, fibras, madeiras, argila, ou seja, elementos que são absorvidos da floresta amazônica que através da criatividade de seus artesãos transformam-se em bijuterias, utensílios domésticos, acessórios, móveis, objetos de decoração e muito mais. Wagley apesar de apontar “atraso” cultural na Amazônia, também alerta para a esperança de um futuro promissor para a região, por reconhecer na mesma um grande potencial, em relação ao que o autor chama de atraso eu chamo de peculiaridades da Amazônia, esse potencial causa contradição entre as opiniões:

Apesar da Amazônia brasileira só encerrar uma pequena parte dos povos “atrasados” da terra, seu território imenso, suas terras inexploradas e seus recursos desconhecidos ainda poderão um dia desempenhar papel importante na solução de problemas mundiais decorrentes da fome e da miséria. (WAGLEY, 1988, p. 27).

As opiniões sobre o potencial da Amazônia são desencontradas. Os pessimistas descrevem-na como um “inferno verde” e porque tantos sonhos grandiosos concentram-se nessa região, foi ela chamada de “ópio verde”. ... Contudo desde os tempos de Alexandre von Humboldt, e até antes, os homens vêm sonhando com grandes cidades, riquezas agrícolas, e prósperas indústrias no imenso Vale. Um desses otimistas foi Alfred Russel Wallace, o famoso naturalista inglês que visitou a Amazônia no século dezanove. “afirmo sem medo” escreveu com entusiasmo “que esta floresta

primitiva pode ser convertida em ricas pastagens, em campos cultivados, hortas e pomares com todas as variedades de produtos, á custa da metade do esforço e, o que é mais importante em menos da metade do tempo que seria necessário em nossa terra”. Poderíamos citar inúmeras opiniões semelhantes, tanto a favor como contra a Amazônia, pois os escritores quer de um lado, quer de outro sempre foram eloquentes. (WAGLEY, 1988, p 29).

Pereira por sua vez chama atenção para o fato de a internalização de conceitos externos não foi feita de forma pacífica, como os estudiosos da história nos lembram:

Assim, para os que estudaram a nossa formação social e econômica, tanto quanto os aspectos mais complexos da nossa evolução cultural, toda interpretação e todo conceito, que contrariem a opinião dos nossos historiadores e dos nossos ensaístas, importam num como impudente desrespeito á própria vontade.

Nós, entretanto, insistimos em afirmar, menos do ponto de vista moral do que do ponto de vista social, que a nossa formação se iniciou sob um signo totalitário de violência, de desrespeito e de crime contra o índio e a sua democracia, contra a sociologia e a economia das populações primitivas que se estendiam ao longo do litoral e sertão adentro do Brasil. (Pereira, 2000, p.230).

Wagley nos chama a refletir quanto às causas e efeitos deste atraso, e faz uma série de questionamentos a respeito do assunto:

As principais razões que fazem do vale Amazônico uma área atrasada e subdesenvolvida têm que ser buscadas na cultura e na sociedade amazônica e nas relações dessa região com os centros do poder econômico e político e com as origens da difusão cultural. Quais são os equipamentos técnicos de que dispõem os habitantes da Amazônia para explorar seu ambiente? O que é que representa uma “boa vida” para o homem da Amazônia? Em outras palavras, quais são seus incentivos, suas motivações, sua escala de valores? Qual a forma local das instituições fundamentais universais – família, igreja e governo – pelas quais o homem de toda parte organiza sua vida? Qual tem sido a relação econômica e política da Amazônia com o resto do mundo? A resposta a essas perguntas dirá por que razão essa região é atrasada. (WAGLEY, 1988, p. 40).

O cruzamento entre brancos e índios propiciou troca de conhecimentos, hábitos, produtos e outros elementos culturais, como nos lembra Galvão:

O moderno caboclo amazônico revela em seu tipo físico, como na sua cultura, o caldeamento de elementos de origem ibérica e ameríndia. Um terceiro elemento, o africano, também contribuiu para essa formação, porém em proporção menos significativa que aqueles dois primeiros. Revela-se sobretudo nos centros urbanos, onde a massa escrava, de origem africana, foi importada em maior escala. As grandes extensões do Vale, porém, foram aprovadas quase que exclusivamente pelo feitor ou colono português e o braço indígena, ou pelo mestiço desses dois povos, o mameluco. A preponderância desses dois fatores, que fazem da Amazônia uma área regional ímpar no Brasil, foi condicionada por fatores peculiares ao ambiente amazônico, com sua riqueza em produtos vegetais, as chamadas “drogas do sertão”, a ausência de terras produtivas que permitissem o cultivo intensivo da cana-de-açúcar, tal como se fez no litoral e a fatores de ordem cultural, especialmente a adaptação do indígena á economia extrativa. O cruzamento entre Portugueses e índios foi intenso. Porém se a cultura ibérica pôde implantar um sistema de comércio e economia, modos de organização, instrumentos de trabalho, absorveu por outro lado, inúmeros elementos culturais desses povos dominados. (GALVÃO, 1951, p. 57).

A Amazônia assim como as demais regiões do País é fruto da miscigenação cultural, tendo em sua arquitetura e linguística a forte influência lusitana, não esquecendo também a contribuição negra à região principalmente quanto a aspectos religiosos e manifestações artísticas culturais, sendo que quando se trata de região amazônica o destaque é realmente para a influência da cultura indígena como destaca Wagley ao tratar das diferenças regionais quanto a herança cultural:

Essas três heranças culturais não se manifestam, entretanto, com a mesma intensidade em todo o Brasil. O Brasil é uma nação de acentuadas diferenças regionais produzidas por diversas circunstâncias de ambiente e pela precariedade dos meios de comunicação. Ao longo da costa nordeste do Brasil, onde a maioria dos escravos negros trabalhava nas plantações de açúcar, as influências africanas constituíram um fator importante na formação da atual cultura regional. No extremo sul do Brasil as tradições europeias prevalecem quase que com exclusão total das tradições indígenas, americanas e africanas. No Vale Amazônico, com seu ambiente típico de chuvas e florestas e seu magnífico sistema entrelaçado de vias fluviais, mais do que em qualquer outra região, persistiu a herança indígena do Brasil (WAGLEY, 1988, p.54).

A herança cultural negra também foi de suma importância na formação do Amazônida, mesmo em menor densidade, destaca-se a influência da cultura africana na região amazônica:

Apesar desse ecletismo e sincretismo, podemos ainda distinguir alguns valores e contribuições que as populações negras, mulatas e seus descendentes trouxeram para o complexo cultural amazônico, criando com os outros grupos étnicos formas de convivência, de vida e de trabalho. Esse modelo e expressão existencial reúnem valores e virtudes e, também, pecados do velho mundo afro-ibérico e mediterrâneo com os novos dons, primícias e diferentes maneiras de ser e viver do trópico úmido amazônico. Essa combinação tropicalista e eclética se expressa do lado afro-brasileiro por intermédio de sua participação, influência e intercâmbio de culturas e valores: na culinária e na preparação de quitutes e quindins, como vatapá, caruru, acarajé, azeite de dendê, etc.; na religião, com a presença do candomblé, orixás, babalorixás, terreiros, pais e mães-de-santo; nas danças, cânticos, festas e ritmos da gafieira, samba, bossa-nova, baião, umbigada, capoeira, maracatu, cateretê, frevo, forró, carimbó, pagode, toada, que explodem nos salões, clubes e danceterias, bem como do alucinante, sensual e erótico ritmo e coreografia da lambada paraense-baiana; no folclore dos bois-bumbás de Parintins, trazidos do Maranhão, do carnaval dos morros cariocas e das escolas de samba de Manaus e Belém; no saber de seus ilustres artistas, cantores, intelectuais, cientistas; e agora, também, no mundo dos negócios e das empresas comerciais e industriais. A expressão afro-brasileira, evocativa de um processo étnico e histórico, se incorpora ao viver amazônico, com a missão de tornar o país mais democrático e rico em valores e diversidades culturais. (BENCHIMOL, 2009, p. 121).

A língua portuguesa originalmente trazida ao Brasil pelos colonizadores europeus também foi influenciada pela cultura afro, como nos afirma Benchimol:

A Gente Preta de Nação assim acabou fazendo o Brasil também um país de gente escura e morena, cor de jambo, que prefere hoje ser chamada de afro-descendente.

A língua portuguesa foi também sendo africanizada, sobretudo na entonação, modulação de voz, na doçura da pronúncia do português-brasileiro, que abrandou e modificou os seus sons originais guturais fortes, as vogais fechadas e as consoantes trocadas e palavras mal silabadas e atropeladas pela linguagem do português de Portugal. O português-brasileiro tornou-se, assim, mais suave, rico, eclético e sincrético, absorvendo no seu linguajar contribuição forte proveniente de sua tupinização pelos povos indígenas que batizaram a maioria do nomes dos peixes, bichos, árvores, plantas, pedras e nomes de cidades e rios. Esse sincretismo luso-tupi foi enriquecido com a africanização da língua desde a chegada dos escravos que, pela sua maioria, se apropriaram da língua e deram a ela as suas gírias, modismos, musicalidade e a fizeram mais humana e doce com os seus diminutivos e apelidos carinhosos. (BENCHIMOL, 2009, p. 145).

Não podemos deixar de reconhecer o trabalho de negros e índios na Amazônia durante o período da escravidão como nos lembra Wagley:

(...) Os poucos colonizadores atraídos para a região amazônica não dispunham de recursos para comprar escravos na África e foram poucos os negros importados para essa região. Em seu lugar, o colonizador procurava índios para serviços domésticos, para colher os produtos da floresta e para trabalhar na agricultura a fim de lhe fornecer os alimentos necessários às suas colônias. Nos tempos coloniais eram índios que “remavam nas canoas, que caçavam e pescavam que trabalhavam nos misteres domésticos e nos serviços públicos, que criavam gado, que serviam nas forças armadas, que labutavam em estaleiros”. (WAGLEY, 1988, p.56).

Como já foi dito pelo autor anteriormente a grande influência cultural na Amazônia foi deixada pelos indígenas, traços dessa herança são facilmente reconhecidas na cultura contemporânea foram herdadas das tribos indígenas de língua Tupi (1988, p. 61).

Essas especificidades que diferenciam as culturas, é que formam a identidade, portanto torna-se necessário conhecer a origem cultural e os agentes propagadores dessa cultura no decorrer dos séculos.

3. IDENTIDADES CULTURAIS BRASILEIRAS E AMAZÔNICAS

Segundo Barreto a criação de uma identidade cultural é imprescindível para que seu povo possa ter um referencial de vida e para que possam realmente sentir-se membros de uma determinada comunidade:

Manter algum tipo de identidade – étnica, local ou regional – parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos a seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informam quem são e de onde vêm, enfim, para que não se percam no turbilhão de informações, mudanças repentinas e quantidade de estímulos que o mundo atual oferece. (BARRETO, 2000, p. 46).

A identidade cultural se dá através também da memória coletiva e individual que culmina na inserção no indivíduo em determinada comunidade, como nos afirma ORTIZ: “a memória coletiva só pode existir enquanto vivência, isto é, enquanto prática que se manifesta no cotidiano das pessoas”. Busca-se através da memória uma identificação entre o indivíduo e sua história, pois ser humano algum protege e valoriza aquilo que não conhece, afirma Barreto:

Além da questão identitária, a recuperação da memória leva ao conhecimento do patrimônio e este, à sua valorização por parte dos próprios habitantes do local. Um monumento ou prédio dificilmente será alvo de um ato de vandalismo, por exemplo, por parte de alguém que conhece seu significado, que conhece o que ele representa para sua própria história como cidadão, simplesmente porque se identificará com aquele monumento ou prédio. (BARRETO, 2000, p. 47).

A regionalização da cultura é de extrema importância à promoção desta identificação do povo com a sua cultura e no caso da região amazônica Reis destaca:

A região é uma das partes desta diversidade que define a unidade nacional . O elemento da mestiçagem contém justamente os traços que naturalmente definem a identidade brasileira: unidade na diversidade. Esta fórmula ideológica condensa duas dimensões: a variedade das culturas e a unidade do nacional. (REIS, apud ORTIZ, 1985, p. 93).

No processo de formação de identidade cultural, devemos levar em consideração a integralização de conceitos internos e comuns ao meio em que o indivíduo está inserido e a influência de culturas externas, como nos explica Laraia:

Podemos agora afirmar que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro. No primeiro caso, a mudança pode ser lenta, quase imperceptível para o observador que não tenha o suporte de bons dados diacrônicos. O ritmo, porém, pode ser alterado por eventos históricos tais como uma catástrofe, uma grande inovação tecnológica ou uma dramática situação de contato. O segundo caso, como vimos na afirmação do *Manifesto sobre aculturação*, pode ser mais rápido e brusco. No caso dos índios brasileiros, representou uma verdadeira catástrofe. Mas, também, pode ser um processo menos radical, onde a troca de padrões culturais ocorre sem grandes traumas. Este segundo tipo de mudança, além de ser o mais estudado, é o mais atuante na maior parte das sociedades humanas. É praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna. Isto somente seria possível no caso, quase absurdo, de um povo totalmente isolado dos demais. Por isto, a mudança proveniente de causas externas mereceu sempre uma grande atenção por parte dos antropólogos. Para atendê-la foi necessário o desenvolvimento de um esquema conceitual específico. (LARAIA, 2001, p.51)

A interação do sujeito com o meio em que vive e a necessidade de identificação para fins de reconhecimento e sentimento de pertencimento a sociedade em que está inserido também são lembrados por BABA e LARAIA:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (LARAIA, 2001, p.24).

Mais uma vez, é o desejo de reconhecimento de “outro lugar e de outra coisa”, que leva a experiência da história além da hipótese instrumental. Mais uma vez, é o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da existência. E, uma última vez, há um retorno à encenação da identidade como interação, a re-criação do eu no mundo da viagem, o re-estabelecimento da comunidade fronteiriça da migração. O desejo de reconhecimento da presença cultural como “atividade negadora” de Fanon afina-se com minha ruptura da barreira do tempo de um “presente” culturalmente conluiado. (BABA, 1998, p. 29).

O processo de formação identitária inicia ainda na infância e vai se desenvolvendo ao longo da vida do sujeito sociológico, como afirma Hall:

A formação do eu no “olhar” do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação simbólica – incluindo a língua, a cultura e a diferença sexual. (HALL, 2003, p. 38).

A nossa cultura segundo Wagley é fruto da história e fatos que marcaram trajetórias de vida ao longo do tempo e que nos influencia, até os dias atuais.

4. CONCLUSÃO

A pesquisa bibliográfica sobre a herança e influências culturais na Amazônia a concretização do desenho étnico e racial da identidade das populações amazônicas, formam o quadro intercultural da região. As migrações e miscigenações em constante transformação nas culturas brasileira e amazônica expressam que a interculturalidade existente influencia na educação e no ambiente da região, corroborando com novas posturas que por vezes se distanciam do tradicional no mosaico da selva urbanizada, onde as relações sociais são mediadas mais pelos interesses econômicos.

Referências:

- BABA, Homi. O local na cultura. Introdução; cap. 1. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BARRETO, Margarita. Turismo e legado cultural – as possibilidades do planejamento. São Paulo: editora Papirus, 2000.
- BENCHIMOL, Samuel. Amazônia Formação Social e Cultural. 3º edição. Manaus: editora Valer, 1999.
- _____. Amazônia: Um pouco-antes e além-depois. 2º. Ed. Manaus: Editora Universidade do Amazonas, 2010.
- BOAS, Franz. Antropologia Cultural. 2 edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.
- GALVÃO, Eduardo. Panema: uma crença do caboclo amazônico. In: Encontro de Sociedades: índios e brancos no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1951.
- GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. Manaus: Valer, 2007.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um conceito Antropológico. 14 º edição. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2001.
- ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. 3º edição. São Paulo: editora Brasiliense, 1985.
- PEREIRA, Nunes. Experiências e histórias de Baíra: o grande burlão. Manaus: Academia Amazonense de Letras, Governo do Estado do Amazonas e Editora Valer, 2007.
- _____. Introdução à dramaturgia indígena. In: Somanlu – Revista de Estudos Amazônicos. Ano 6, n. 1, jan./ jun. 2000. Manaus: EDUA, 2000.
- PINTO, Ernesto Renan Melo de Freitas. Viagens das ideias. 2 º. ed. Manaus: Valer, 2009.
- SANCHES, Cleber. Fundamentos da cultura brasileira. Manaus: Travessia, 1999.
- WAGLEY, Charles. Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos. Belo Horizonte: Itatiaia; 1988, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.